II Congresso Nacional de Formação de Professores
XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores

Trabalho Completo

JOVENS MUSICANDO: ENCONTROS NOS ESPAÇOS DA ESCOLA E DA UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES MUSICAIS

Margarete Arroyo, Andressa Thieme Braga, Durvanei Domingues Pedroso

Eixo 4 - Políticas de formação de professores
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Este texto relata um projeto do Núcleo de Ensino do Instituto de Artes da UNESP realizado em parceria com uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de São Paulo, localizada na DRE Freguesia/Brasilândia, zona norte da cidade, com destaque para o envolvimento de toda uma turma do Curso de Licenciatura em Educação Musical da UNESP. O objetivo deste relato é apontar as implicações desse processo na formação inicial de educadores musicais para além dos dois bolsistas que desenvolveram o projeto na escola, uma vez que o trabalho se estendeu aos colegas de turma que compartilharam de diferentes maneiras essa experiência. Para tanto, foram selecionados três aspectos do processo de aprendizagem e ensino nas Oficinas de Música que propiciarão conhecer o trabalho realizado na escola para então apontar as implicações para a formação de professores. Os aspectos são: autonomia de prática musical alcançada pelos adolescentes; os arranjos musicais que eles criaram; e o encontros musicais desse grupo de estudantes com outros grupos musicais da escola e licenciandos do curso de Licenciatura em Educação Musical da UNESP. O texto apresenta um histórico do projeto, seções onde os três aspectos focalizados são descritos e comentados e as implicações desse processo para a formação inicial de educadores musicais.

JOVENS MUSICANDO: ENCONTROS NOS ESPAÇOS DA ESCOLA E DA UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES MUSICAIS

Margarete Arroyo[i]; Andressa Thieme Braga[ii]; Durvanei Domingues Pedroso[iii]. UNESP - Instituto de Artes.

Este texto relata um projeto do Núcleo de Ensino do Instituto de Artes da UNESP realizado em parceria com uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de São Paulo, localizada na DRE Freguesia/Brasilândia, zona norte da cidade, com destaque para o envolvimento de toda uma turma do Curso de Licenciatura em Educação Musical da UNESP.

O objetivo deste relato é apontar as implicações desse processo na formação inicial de educadores musicais para além dos dois bolsistas que desenvolveram o projeto na escola, uma vez que o trabalho se estendeu aos colegas de turma que compartilharam de diferentes maneiras essa experiência. Para tanto, foram selecionados três aspectos do processo de aprendizagem e ensino nas Oficinas de Música que propiciarão conhecer o trabalho realizado na escola para então apontar as implicações para a formação de professores. Os aspectos são: autonomia de prática musical alcançada pelos adolescentes; os arranjos musicais que eles criaram; e o encontros musicais desse grupo de estudantes com outros grupos musicais da escola e licenciandos do curso de Licenciatura em Educação Musical da UNESP.

As Oficinas de Música foram realizadas na EMEF durante o ano de 2012 com repercussões em 2013. Delas fizeram parte um grupo fixo de dez estudantes da 5ª e 6ª séries e dois bolsistas do Curso de Licenciatura Educação Musical (LEM) do Instituto de Artes da UNESP coordenados por uma docente desse curso.

A redação deste relato foi feito a seis mãos: um bolsista escolheu discorrer sobre autonomia de prática musical dos adolescentes; uma bolsista optou por descrever sobre os arranjos musicais criados pelos estudantes da escola e a orientadora focalizou um encontro musical dos estudantes da EMEF promovido por esses bolsistas em conjunto com seus colegas de turma do curso de Licenciatura em Educação Musical da UNESP.

A denominação Oficina de Música indica concepção epistemológica e opção metodológica que se resumem em “aprende-se música, fazendo música”. Esse caráter coloca no centro das ações pedagógicas a experimentação e na criação musicais além de participação ativa e autônoma dos estudantes no seu próprio processo de formação musical (TERRAZA, 1978; SILVA, 1984; PENNA, 1988). Essa proposta de educação musical teve origem entre compositores brasileiros e estrangeiros na década de 1960

vinculados à denominada “música contemporânea” que também atuavam como educadores. Entre eles figuram: do Reino Unido, John Paynter e George Self; do Canadá, Murray Schafer; do Brasil, Conrado Silva e Emílio Terraza.

As Oficinas de Música realizadas na EMEF abordaram vários aspectos relativos ao conhecimento e habilidades musicais nos quais a flauta doce foi o instrumento que junto à voz, ao corpo, à percussão, a criações improvisadas, arranjadas e compostas, mais gravação em áudio realizada por intermédio de programas de computador, mediaram o aprendizado.

O Núcleo de Ensino da UNESP, em atividades de 1987, é um programa da Pró-Reitoria de Graduação e está subdividido em 14 regionais, entre os quais figura o Núcleo de Ensino do Instituto de Artes. As metas desse programa são “a produção de conhecimento na área educacional e a formação inicial e continuada do educador, pautadas pela articulação entre ensino, pesquisa e extensão, e nos princípios da cidadania e da justiça social” (UNESP.PROGRAD, 2005, p.3).

Este texto apresenta um histórico do projeto, seções onde os três aspectos focalizados são descritos e comentados e as implicações desse processo para a formação inicial de educadores musicais.

Histórico do projeto

A inserção inicial dos bolsistas e da coordenadora do projeto na EMEF ocorreu em 2011 quando uma turma do primeiro ano do Curso de LEM realizou Oficinas de Música com os estudantes do Fundamental Ciclo 2 nessa escola. O interesse da EMEF em manter a parceria com a UNESP deu origem ao projeto em foco, cujos resultados, em parte, são relatados aqui.

O projeto teve por objetivos: desenvolver conhecimentos e habilidades musicais de estudantes do Fundamental- Ciclo 2 por meio de práticas musicais corporais, vocais e instrumentais e contribuir com a formação inicial de educadores musicais para a educação básica. Os dois bolsistas que atuaram no planejamento e execução das Oficinas de Música sob orientação da docente eram estudantes daquela turma do curso de LEM, turma que continuou a acompanhar o trabalho na escola, conforme já apontado.

Ao todo foram realizadas 20 Oficinas de música, uma por semana, com a duração de 60 minutos. Até julho de 2012 a formação musical dos adolescentes foi centrada em práticas rítmico-corporais, vocais e instrumentais, percussão e flauta doce, sendo este instrumento de sopro o centro desencadeador do processo de aprendizagem. A partir de agosto, o repertório formado na flauta doce passou a ser arranjado em parceria de adolescentes e bolsistas, com utilização dos recursos de programas digitais

específicos de arranjo e gravação (Software Sony ACID Express, gravador portátil Zoom H1 juntamente com um notebook). No todo, o trabalho desenvolveu-se com repertório musical nacional e internacional proposto pelos adolescentes ou pelos bolsistas, além de improvisações e criações musicais de autoria dos próprios jovens. Práticas de escutas de música e posterior discussão do repertório variado também foram frequentes. A meta foi compor um CD com os arranjos criados e repertório executado. Na primeira semana de julho o grupo apresentou-se para professores, funcionários e alguns colegas no pátio coberto da escola. Ao final do ano foram realizados: um encontro musical no Instituto de Artes da UNESP com outros grupos musicais da escola - Coral e Violões - e licenciandos do 2º ano do Curso de LEM e duas apresentações com os grupos coral e de violão da escola na Fábrica de Cultura da Vila Nova Cachoeirinha e, depois, na própria escola.

Em 2013 o projeto teve continuidade e um segundo encontro musical no IA-UNESP foi realizado em novembro desse ano. Desse modo, a turma do Curso de LEM esteve acompanhando o trabalho de Oficinas de Música na escola por três anos (2011 – primeiro contato; 2012 e 2013, com projeto do Núcleo de Ensino).

Autonomia de prática musical

A musicalidade[iv], o interesse e a capacidade crescente dos adolescentes ao assumirem um papel ativo na aprendizagem de música chamou nossa atenção, pois, estes foram aspectos fundamentais para o rendimento do trabalho no decorrer das Oficinas. Como diz Keith Swanwick (2003), cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical com a qual está familiarizado, possibilitando-o fazer suas próprias interpretações e tomar decisões musicais em diversos níveis, apropriando-se da música. É nesse ponto que o autor aponta para a relação entre criação musical e autonomia do estudante: a criação musical demanda a "tomada de decisões, que é uma faceta específica da autonomia do aluno" (SWANWICK, 2003, p. 68). Isso foi observado em vários momentos das Oficinas, conforme relatado a seguir.

Em uma das oficinas, por sugestão de um dos alunos, iniciamos o aprendizado da peça "Ode à Alegria", de L. V. Beethoven, que nos propiciou perceber com nitidez o desenvolvimento auditivo dos estudantes. Os próprios adolescentes começaram a perceber onde o grupo cometia equívocos durante a execução e aqueles com maior facilidade passaram a ajudar os demais sem a necessidade de intervenção dos bolsistas. Isso possibilitou aos jovens tornarem-se protagonistas de seu aprendizado. Esse compartilhar de saberes entre os estudantes é característico das aulas de instrumento realizadas em grupo.

Depois de alguns encontros realizados, foi solicitado aos jovens que explorassem os diversos sons possíveis de serem tocados com a flauta doce (tendo altura definida, ou não). Após experimentarem a variedade de sons, cada aluno apresentou para a turma o que descobriu. E assim, ao final da experiência, usando apenas o bloco (cabeça da flauta), o corpo ou o instrumento inteiro, diversas possibilidades de timbres foram descobertas pela turma. No entanto, um fato que se destacou durante a oficina foi a declaração de uma jovem dizendo que havia encontrado uma nova nota musical que poderia ser usada em alguma música. Na verdade o que ela "descobriu" foi a nota *Sí bemol,* até então desconhecida, pois as únicas notas musicais trabalhadas no repertório até esse momento e aprendidas sem a mediação de partitura, foram as pertencentes à escala natural, que não comporta as chamadas notas alteradas (sustenidos e bemóis, por exemplo).

Aproveitando a "descoberta" ou observação da jovem, explicamos a colocação do Sí bemol e as demais notas da escala cromática junto à escala natural. Nos encontros seguintes, apresentamos a música "Marrily We Roll Along" (cancioneiro norte-americano) (figura 1), que possibilitou facilmente a execução da mesma em modo menor (figura 2), ou seja, com a nota Sí alterada. Então, pedimos para os oficinandos tocarem de maneira alternada os dois modos apresentados, mas atentando-se para a diferença sonora existente com a modificação feita.

Figura 1. "Marrily We Roll along" em modo maior.



Figura 2. "Marrily We Roll along" em modo menor.



Assim, para estimular o desenvolvimento da percepção e memória auditiva dos estudantes, fizemos um pequeno jogo musical: a turma espalhou-se pela sala e cada um executou a peça à sua escolha, em modo maior ou menor. Para tanto, deviam executar a peça procurando esconder seus instrumentos dos demais colegas, evitando, dessa

maneira, o reconhecimento visual das notas pela posição dos dedos na flauta doce. Os demais estudantes da turma deveriam identificar (apenas pela audição) se a música havia sido tocada com ou sem alteração. Como avaliação e considerações da atividade proposta, percebemos que foram raros os momentos em que algum jovem não conseguiu identificar as alterações realizadas nas execuções dos colegas, demonstrando, portanto, o claro desenvolvimento auditivo da turma.

Com o crescente interesse em executar novas músicas, foi solicitado aos oficinandos que tentassem em casa "tirar" sozinhos alguma melodia por eles escolhida. Vários conseguiram "tirar de ouvido" trechos de música cuja melodia foi completada com a ajuda dos bolsistas.

Além do envolvimento dos jovens com a proposta de tocar alguma música por eles mesmos, mais para o final dos encontros um dos oficinandos apresentou uma composição de sua autoria. Isso permitiu à dupla de bolsistas perceber que a partir das experiências vivenciadas pelos alunos ao tentarem reproduzir sozinhos melodias conhecidas (por escolha espontânea) também foi possível proporcionar espaço e subsídios para que os jovens criasse suas composições. Ao trazerem "suas próprias ideias à microcultura da sala de aula, fundindo a educação formal com a 'música de fora'" (SWANWICK, 2003, p. 68), os adolescentes puderam vivenciar contextos significativos, com criação, elaboração de hipóteses, descobertas, questionamentos e experimentos, o que lhes possibilitou produzir e construir conhecimento.

Produzindo arranjos

Um dos aspectos constantemente abordado durante as Oficinas foi a elaboração de arranjos. A descrição que segue informa alguns arranjos produzidos nos quais o tema da autonomia permanece. Isso indica o quando a experimentação e a invenção promovem também a autonomia musical dos aprendizes.

Normalmente, a dinâmica dos arranjos musicais ocorria com o auxílio de instrumentos de percussão e a orientação dos bolsistas, quando a turma era dividida em dois grupos, de forma que cada um deveria montar diferentes configurações para a música proposta no dia e apresentar o resultado aos colegas. Dentro do grupo, os próprios adolescentes decidiam qual deles cantaria, tocaria flauta ou percussão, sendo que esses últimos também definiam diversos padrões rítmicos de acordo com o instrumento que seria executado.

Os arranjos elaborados eram gravados e depois escutados coletivamente com o objetivo de autoavaliação. Notamos que essa prática foi bastante importante para desenvolver a criatividade dos oficinandos, dando espaço para a expressão deles dentro

do processo de aprendizado. Entendemos a educação musical como um processo que abre para um fazer musical ativo e criativo, desenvolvendo o pensar e a expressão de cada estudante. Desse modo, evita-se uma formação pautada apenas na reprodução mecânica com destreza técnica, o que isoladamente não tem significado musical para os estudantes. Swanwick (1994a, s.p) diria que “o maior beneficio é - dentro do ambiente de grupo - o aluno poder aprender tanto intuitivamente como também fazer parte de um trabalho analítico que irá torná-lo autônomo, independente do professor.”

Uma das músicas que trabalhamos nesse sentido foi “De Magia de Dança e pés” de Milton Nascimento e Fernando Brant. Mantendo ainda o procedimento de “tocar de ouvido”, ou seja, a aprendizagem da peça musical ocorria por meio da escuta, do canto, da observação e da imitação no instrumento e sem o uso de partitura, um dos grupos decidiu explorar mais as possibilidades dos instrumentos de percussão, designando três integrantes para essa finalidade. Enquanto dois deles realizavam a melodia da canção na flauta doce e voz, um dos jovens fazia o pulso musical na percussão, outro acompanhava ritmicamente a melodia e o outro entrava com células rítmicas nos finais da frase musical. O outro grupo designou apenas um integrante para a percussão, explorando mais as possibilidades da flauta. Nesse caso, parte dos integrantes tocava a primeira metade da música e parte tocava a segunda metade. Aqui a organização sonora pode ser percebida (partes da canção) e explorada no arranjo. Durante esse processo, notamos que alguns estudantes apresentavam pequenas dificuldades ao executar a flauta doce, mas tinham uma grande facilidade para executar instrumentos de percussão, descobrindo assim outra maneira de participar do processo de criação musical. Os que tinham mais facilidade com a flauta ajudavam os que tinham mais facilidade com a percussão e vice versa, configurando, assim, um fluxo de aprendizado.

Outra música que arranjamos foi “Samba de uma nota só” de Newton Mendonça e Tom Jobim. Utilizamos o *playback* da canção que constava no CD que acompanha o livro “Método de Iniciação Musical - Flauta doce” de Maria Lúcia Suzigan e Fernando Mota, que continha uma base instrumental sobre a qual os alunos executaram o trecho inicial da melodia da música na flauta, que era gravada logo em seguida. Posteriormente os estudantes criaram diferentes padrões rítmicos que foram executados e gravados com os instrumentos de percussão, com recursos de gravação em diferentes canais. Após a edição de áudio, apresentamos o resultado dessa criação coletiva à turma, o que possibilitou notarmos que a escuta deles era bastante atenta no sentido da autoavaliação, procurando observar diversos aspectos de sua execução, identificando possibilidades de aperfeiçoamento, além de motivar o estudo.

A orientação dos bolsistas no processo aconteceu no sentido de serem um guia para os estudantes, esclarecendo dúvidas, sugerindo variações de dinâmicas, mas, sobretudo, propiciando que trabalhassem a autoconfiança e exercitassem sua liberdade inventiva, tornando a execução mais segura, precisa, além de uma expressão musical mais fluente. Confiantes de suas habilidades os alunos conseguiram desenvolver-se musicalmente, tornando o aprendizado significativo.

Musicando coletivamente

Esta seção focaliza o encontro musical entre os jovens da Oficina de Música, tocando flauta doce, coordenados pelos dois bolsistas, os grupos coral e de violão da EMEF, coordenado por um funcionário da escola e também estudante do curso de LEM, e os licenciandos da turma do Curso de LEM da UNESP, ocorrido em novembro de 2012 no Instituto de Artes da UNESP (IA). Esse encontro foi uma experiência marcante para todos que dele participaram. Por um lado, foi resultado do processo de trabalho ao logo do segundo semestre de 2012 e, por outro, de uma série de momentos vividos nesse mesmo dia no IA que culminou com o encontro musical.

No mês de agosto daquele ano ficou combinada a execução conjunta de alguns dos repertórios trabalhados nas Oficinas de Música e nos grupos Coral e de Violões da escola. Foi também proposto que os licenciandos da turma de LEM fizessem arranjos para esse repertório de modo que ele fosse executado por todos os grupos - coral, violão, flauta doce e licenciandos (voz, percussão e violão).

A *performance*, pensada inicialmente para acontecer no Teatro “Maria de Lourdes Squeff” do Instituto de Artes, com palco italiano (palco e platéia divididos espacialmente), acabou ocorrendo em uma sala ampla do próprio Instituto, sala onde a orquestra dessa unidade universitária ensaia. Essa outra configuração espacial, sem palco e onde todos os presentes ocupariam um mesmo plano no espaço, propiciou que o encontro musical se configurasse em um fazer musical coletivo, um ‘*musicking*’, segundo o estudioso das práticas musicais Christopher Small (1999). Formamos um semicírculo no qual cada grupo se posicionou ao lado do outro, incluindo pais e professores, que em dado momento se integraram à *performance* musical

Small defende que a música é mais processo que produto. Assim, um repertório sendo executado é mais que um produto musical; é um “acontecimento” no qual um conjunto de relações é estabelecido. Trata-se de “um encontro entre seres humanos por meio de sons organizados de maneira não verbal” (SMALL, 1999, p. 4). É a esse processo-acontecimento constituído por relações de diversas ordens que Small chama *musicking*.

Esse musicar ou *musicking* vivenciado no encontro musical ocorrido na sala da Orquestra foi precedido, como informado, de momentos que foram criando as condições para que um “encontro humano por meio de sons” se instalasse. A seguir, algumas cenas dos visitantes da EMEF ao Instituto de Artes da UNESP descrevem esses momentos.

Cena 1 – 08/11/2012 - O ônibus trazendo cerca de 40 adolescentes mais duas mães, uma professora e três estudantes da equipe *Imprensa Jovem* da escola chegou ao Instituto de Artes pouco antes das 16 horas. De imediato, todos se dirigiram à Biblioteca, 5º andar, para assistir, na *Semana de Biblioteca,* à apresentação da classe de violão em grupo do curso de LEM. Nesse momento, a *Imprensa Jovem* da escola já começou a atuar, fazendo seus registros de imagem e algumas entrevistas (figuras 3 e 4).

Figura 3 – Apresentação na Biblioteca do IA



Fonte: *Imprensa Jovem* da EMEF

Figura 4 – Membro da *Imprensa Jovem* da EMEF entrevista a bolsista do Projeto do Núcleo de Ensino



Fonte: *Imprensa Jovem* da EMEF

Figura 5 – Preparativos para execução dos arranjos. Xilofones e licenciandos no primeiro plano.



Fonte: *Imprensa Jovem* da EMEF

Após a apreciação da apresentação na Biblioteca, foi oferecido um lanche aos convidados da EMEF, seguindo-se o encontro musical na sala da orquestra.

Cena 2 - 08/11/2012 – Aos poucos fomos nos acomodando com certa improvisação na ampla sala: mochilas na sala ao lado; instrumentos sendo preparados; cadeiras para o grupo de violões da EMEF; o coral encontra seu canto, bem como o grupo de flautas doce; licenciandos passam suas partes nos arranjos. A sonoridade da sala indicava músicos "no pedaço". Uma criança (do grupo coral), vários adolescentes, jovens e adultos lembravam seus cantos, seus acordes, suas melodias, seus ritmos. Uma atmosfera de bem estar foi se instalando. (figura 5)

Todos acomodados, a *performance* começou com o grupo de licenciandos executando um arranjo a quatro partes da parlenda "*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"*. Um pouco "morna" a apresentação, mas com energia suficiente para abrir uma sequência de fazeres musicais que culminou com um estado de "encontro", segundo Keith Swanwick (1991), ou "celebração", de acordo com Lucy Green (2012), o que no todo podemos entender como *musicking*. Todos musicando.

"Encontro" e "celebração" são conceitos referentes à experiência musical vivida com pleno sentido musical e contextual para os participantes, isto é, uma experiência musical carregada de sentidos afetivo, cognitivo, corporal, cultural e social.

Para a compreensão da ideia de "encontro" na educação musical segundo Swanwick, é preciso conhecer o que destaca esse autor sobre música e sua aprendizagem:

> Música é, acima de tudo, uma arte social na qual a interpretação com outros e a escuta de outros é a motivação, a experiência e o processo de aprendizagem. A isso se chama educação musical pelo *encontro.* (SWANWICK, 1991, p. 143)

Essa "educação musical pelo *encontro*" significa que além dos elementos de instrução, contemplam-se as experiências e interesses musicais dos estudantes. Aspectos subjetivos e tácitos do conhecimento e habilidades musicais são tão valorizados quanto seus aspectos objetivos.

Lucy Green (2012) desenvolveu uma teorização acerca dos significados da experiência musical que auxilia na compreensão das situações pedagógico-musicais e esclarece o termo "celebração" que também traduz o *encontro musical* na sala da orquestra. Em linhas gerais, essa teorização está baseada na compreensão de que os significados da música ocorrem no âmbito tanto do texto musical (sons ordenados segundo estilos e gêneros musicais) quanto dos contextos onde esse texto é criado, distribuído e recebido. Green denominou os significados do texto musical de "significados inerentes ou

interssônicos" e os significados do contexto musical de "significados delineados". Os significados da experiência musical ocorrem na articulação dos significados inerentes e delineados, resultando experiências com características diferentes, de acordo com essa articulação. Essas experiências podem ser de "alienação", quando a experiência musical é repulsiva para o sujeito; de "ambiguidade", quando a experiência musical tem em parte significado e em parte é rejeitada; e "celebração", quando a experiência musical tem significado tanto sonoro quanto contextual para o sujeito.

Green, então, chama de experiência musical de "celebração" quando tanto o texto musical quanto o contexto musical têm significado e sentido para quem vive a experiência musical.

Esse "encontro" e "celebração" são resultado de um processo que, no caso dos grupos envolvidos no encontro na sala da orquestra, demandou trabalho de meses, período quando os textos musicais foram tornando-se compreensíveis e, portanto, significativos; e o convívio e a construção coletiva nas situações de aprendizagem musical conferindo significado contextual ao repertório executado.

Cena 3 – Continuando o musicar*, o* grupo de violões da EMEF seguiu tocando *"Uma brasileira"* do grupo Paralamas do Sucesso. Depois o coral da EMEF, acompanhado pelo grupo de violões, cantou da cultura popular *Ciranda, cirandeiro* e *Mulher Rendeira*. Seguiram, então, o arranjo a quatro vozes do licenciando Sandro Sabbas de *Minha canção* de Chico Buarque para ser executado pelos estudantes do 2º ano de LEM, acompanhando o grupo de flautas doce tocando a melodia. Outro repertório da cultura popular, *Sereia*, foi executado com todos os grupos envolvidos num arranjo decidido coletivamente que contou com a sonoridade também do saxofone tocado por André Rodrigues Costa de Oliveira, coordenador dos grupos de coral e violão e licenciando. Finalizamos o encontro com a canção *De magia de dança de pés* de Milton Nascimento e Fernando Brant, arranjo base do licenciando Fábio Martins de Almeida.

Essa canção era repertório tocado pelo grupo de flautas, mas que ganhou esse arranjo de Fábio para ser executado pelos licenciados, acompanhando os flautistas. Entretanto, o crescente envolvimento de todos os presentes na sala da orquestra nesse dia levou a que aos poucos o grupo de violão se integrasse ao arranjo, aprendendo naquele momento os acordes no instrumento. Instrumentos de percussão (congas e caxixis) foram distribuídos aos cantores e demais presentes (pais, professores) para conferir sonoridade aos movimentos de seus corpos que respondiam ao ritmo contagiante da canção. Com isso, um forte momento de *encontro e celebraçã*o culminou esse *musicar* e todos pareceram muitos contemplados nesse encontro humano por meio de sons.

Implicações para a formação inicial de educadores musicais

O foco de atenção deste relato está no fato de que o objetivo de formar professores neste projeto do Núcleo de Ensino transcendeu os bolsistas que atuaram na escola. A turma de LEM desses bolsistas pode ao longo do processo compartilhar e participar desse trabalho de diferentes maneiras.

Na disciplina “Educação Musical” que os dois bolsistas cursavam com essa turma, coordenada pela própria orientadora do projeto, frequentemente tinha os conteúdos estudados discutidos com base nas vivências das Oficinas de Música. Dado o caráter de fundamentação teórica e metodológica dessa disciplina, o relato dos bolsistas com mostra audiovisual das Oficinas funcionou como recurso rico de articulação teoria e prática. Essa articulação era densa de sentido já que dessa turma estivera na EMEF e atuara com os estudantes do fundamental 2 em 2011, atuação que foi marcante já que estavam no primeiro ano do curso de graduação e o estar na escola nesse início de curso foi extremamente produtivo.

Esse compartilhamento de experiência foi intensificado com a participação ativa dos licenciandos na preparação do encontro musical no Instituto de Artes, tanto no dia do evento, quanto anteriormente, quando elaboraram arranjos musicais, conhecimento importante para a formação de educadores musicais.

Assim, as implicações deste projeto de Oficinas de Música abarcaram a formação inicial de uma turma de 25 licenciandos e compreenderam várias dimensões dessa formação: o contado direto com seus futuros espaços de atuação profissional; o conhecimento de variados aspectos desse espaço – estudantes, espaço físico e recursos disponíveis; e a articulação teoria e prática da educação musical.

Conclusão

Um projeto com seus objetivos e demais previsões deve estar sempre aberto ao imponderável. A educação e arte são construções sobre o inesperado que cada humano e sua inventividade são capazes. A música é principalmente um meio de experiência não verbal. Desse modo, o relato acima é uma mera tentativa de alcançar o inalcançável: só os que viveram todo o processo sabem do imenso valor humano compartilhado.

Assim, para além das palavras, os objetivos indicados no projeto de Oficinas de Música foram alcançados: os jovens estudantes avançaram nos seus conhecimentos e

habilidades musicais, os bolsistas e seus colegas de turma vivenciaram uma rica experiência de formação docente, a escola alimentou a universidade e vice versa.

Felizmente, as Oficinas de Música continuaram em 2013 na EMEF e um segundo encontro de música aconteceu no Instituo de Artes nos mesmos moldes, porém no auditório e com a presença de mais um grupo musical da escola, sua Banca de percussão e sopro[v].

Referências

GARDNER, H. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GREEN, L. Ensino da música popular em si, para si e para 'outra" música: uma pesquisa atual em sala de aula. **Revista da ABEM,** V.20, N. 28, P. 61-80, 2012.

PENNA, M. A proposta pedagógica da oficina de música. In: FUNARTE – **Educação Musical – textos de apoio**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1988. p.47-50

SILVA, C. Oficina de Música . **Ar't*e,*** v.3, n.6, p. 12-15, 1983.

SMALL, C. El musicar: un ritual en el espacio social. *Revista Transcultural de Música,* Barcelona, n. 4, 1999. Disponível: www.sibetrans.com/trans/index.htm. Acesso em: 10/02/2009.

SWANWICK, K. **Música, pensamiento y educación.** Madri: Ediciones Morata, 1991.

_____Ensino de instrumento enquanto ensino de música. **Cadernos de Estudo – Educação Musical** n. 4/5, Nov. 1994. n.p. Disponível em: < http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/ensino_instrumental.htm>. Acesso em: 14 mar. 2013.

_____. **Ensinando musica musicalmente.** São Paulo: Moderna, 2003.

TERRAZA, E. A metodologia de oficina. **Sensus,** (Movimento Cantaagalo de Música Contemporânea), v.1, n.1, fev/mar. 1978, p.12.

UNESP. PROGRAD. **Normas orientadoras dos núcleos de ensino.** São Paulo: UNESP, 2005. Disponível em < http://www.unesp.br/prograd/pdf/Normas.pdf> Acesso em 15 mar 2013.

[i] Orientadora

[ii] bolsista

[iii] bolsista

[iv] A capacidade humana para produzir música ou "inteligência musical" (GARDNER, 1994).

[v] Agradecemos aos profissionais da escola por mais essa oportunidade.